



Fatores e Perfis de Sucesso Escolar “Inesperado”

Trajetos de Contratendência de Jovens das Classes Populares e de Origem Africana

Cristina Roldão

Fórum Estatístico – Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência
Espaço Noesis, 08 de Julho de 2015

BIBLIOTHECA

1. ENQUADRAMENTO GERAL

1.1. Enquadramento Institucional

Título do projeto:

Fatores e Perfis de Sucesso Escolar “Inesperado” :

Trajetos de Contratendência de Jovens das Classes Populares e de Origem Africana

Instituição de ensino:

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Programa de estudos:

Programa de Doutoramento em Sociologia do CIES-IUL

Instituição financiadora:

Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) – Bolsa de Doutoramento 2010-2013

Instituição de acolhimento:

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL)

Instituição de apoio no acesso a informação estatística:

Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC/MEC)

Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES/DGEEC)

1.2. Objetivos e questões de pesquisa

1.2.1 Objetivos:

- Explicar e conhecer em profundidade o que se tem designado “trajetos de contratendência” (Costa e Lopes, 2008; 2010; 2011; Lopes, 2013; Couto et al., 2014) de jovens das classes populares e de origem africana;
- Contribuir para o debate científico e político sobre as desigualdades sociais perante a escola.

1.2.2 Questões de partida:

- Que fatores e processos intervêm na construção dos trajetos de contratendência?
- Existirão diferentes perfis-tipo de trajetos contratendência?
- Que aspetos desses trajetos podem ser mobilizáveis para o entendimento das desigualdades sociais na escola?

A woman with dark hair is seated in the foreground, looking down at a laptop. The background is filled with tall wooden bookshelves packed with books, creating a library atmosphere. The lighting is warm and slightly dim.

2 . QUADRO CONCETUAL E PESQUISAS DE REFERÊNCIA

2.1 Quadro conceptual e pesquisas de referência

Núcleo central de problematização: Famílias “Singulares”

Estratégias familiares e estilos educativos	Configurações doméstico-familiares e disposições*	Vantagens sociais relativas das famílias*
- Investimento escolar da família como via de mobilidade social (Clark, 1983; Teixeira, 2010; Évora, 2013) - Envolvimento familiar periférico ao estritamente escolar (Zeroulou, 1985; Laacher, 1990; Gándara, 1995; Viana, 2000 e 2005; Silva e Teixeira, 2008, etc.) - Pluralidade de formas de envolvimento escolar das famílias (Terrail, 1990; Laurens, 1992; Lahire, 1995)	- Ordem doméstica (material e moral); - Formas de autoridade familiar; - Formas “corriqueiras” de cultura escrita; - Condições e disposições económicas. <i>*Bernard Lahire (1995).</i>	- Capital cultural; - Frações estabilizadas e mais qualificadas das classes menos favorecidas; - Trajetórias sociais “reascendentes”. <i>* Questão transversal às pesquisas sobre este tipo de trajeto.</i>

2.1 Quadro conceitual e pesquisas de referência

Outras frentes de problematização		
Teorias da “Escola Reprodutora”	“Lesões” interiores decorrentes da mobilidade social	Expansão e experiência escolar
- Conformismo e repressão do potencial de resistência (Althusser, 1980; Baudelot e Establet, 1971; Willis, 1977) - Resistência subtil (Apple, 1989) - Custos de legitimação (Bourdieu e Passeron, 1970; Bowles e Gintis, 1982; Apple, 1989, etc.) - “Excluídos do interior” (Bourdieu e Champagne, 1992)	- Assimilação identitário-cultural (Fordham e Ogbu, 1986; Granfield, 1991; Vieira, 1999 e 2004; Portes e Rumbaut, 2001) - Pluralização disposicional: <i>Habitus clivado</i> (Bourdieu, 2005; Aries e Seider, 2005; Reay, Crozier e Clayton, 2009; Lee e Kramer, 2013) <i>Reportórios múltiplos de disposições</i> (Lahire, 1998 e 2006, etc)	Novos públicos e novas experiências (Dubet, 1991; Charlot, Bautier e Rochex, 1993; Dubet e Martuccelli, 1996; Abrantes, 2003; Erlich, 2004; Costa e Lopes, 2008; Lehman, 2009, 2012 e 2013; Couto et al., 2014; etc.)



3. OPÇÕES METODOLÓGICAS

Abordagem multimétodo

Análise quantitativa de dados de fontes secundárias:

- Centralidade do *Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário* (OTES/DGEEC), inquérito “Estudantes à Entrada do Ensino Secundário 2007/08”;
- Amostra não representativa: 46175 alunos do 10º ano | 588 escolas públicas e privadas;
- Consulta e análise de dados de outras fontes complementares (INE; PISA/OCDE; MEC; *Eurostat*)
- Construção de tipologia estatística de trajetos dos jovens das classes populares.

- Análise qualitativa:

- Realização e análise de 20 entrevistas biográficas a jovens das classes populares, maioritariamente de origem africana, protagonistas de trajetos de contratendência;
- Método “bola de neve”;
- Construção de tipologia qualitativa de trajetos de contratendência.

A photograph of a man with glasses and earbuds, wearing a dark shirt, sitting at a desk in a classroom or computer lab. He is focused on his laptop. The desk has a water bottle, a bag, and some papers. Other students are visible in the background, also working at their desks. The image has a warm, orange-toned overlay.

4. RESULTADOS CUANTITATIVOS

4.1. Desigualdades sociais à entrada do ensino secundário

Indicadores das desigualdades à entrada do Ensino Secundário 07/08

	TOTAL (n = 46175)	Jovens de famílias mais escolarizadas (E. Superior)	Jovens de famílias menos escolarizadas (≤ 3º Ciclo)	Jovens de famílias economicamente mais favorecidas (EDL+PTE+TI)	Jovens de famílias economicamente menos favorecidas (O + EE)	Jovens descendentes de Cabo-Verdianos (n=3387)	Jovens africanos (n=661)
% em Cursos Profissionalizantes	41	16	50	31	49	53	61
% dos alunos de CCH em Curso de Ciências e Tecnologias	63	69	59	66	60	41	39
% que já sofreu alguma reprovação escolar	38	17	45	31	41	61	64
% com Média das classificações ≤ 3	59	32	68	51	67	74	80

Fonte: OTES, DGEEC/MEC (cálculos próprios).

4.2. Uma aproximação extensiva e internacional aos trajetos de contratendência

Percentagem de estudantes “resilientes” na globalidade de inquiridos e entre os estudantes com origens mais desfavorecidas nas provas PISA de literacia científica (2006) e a leitura (2009)

	CIÊNCIAS (2006)		LEITURA (2009)	
	% “resilientes” globalidade dos alunos	% “resilientes” entre os alunos com origens mais desfavorecidas	% “resilientes” na globalidade dos alunos	% “resilientes” entre os alunos com origens mais desfavorecidas
Áustria	12,7	38,1	4,9	19,6
Bélgica	12,4	37,2	7,6	30,4
Rep. Checa	13,3	39,9	5,3	21,2
Dinamarca	10,6	31,9	6,0	24,0
Finlândia	22,2	66,6	11,4	45,6
França	10,9	32,6	7,6	30,4
Alemanha	12,6	37,8	5,7	22,8
Grécia	10,5	31,5	6,9	27,6
Hungria	12,7	38,1	6,4	25,6
Islândia	9,4	28,1	7,4	29,6
Irlanda	14,4	43,2	7,4	29,6
Itália	11,0	32,9	8,0	32,0
Luxemburgo	9,7	29,2	5,1	20,4
Holanda	14,8	44,3	8,0	32,0
Polónia	14,1	42,3	9,2	36,8
Portugal	15,4	46,1	9,8	39,2
Eslováquia	10,8	32,5	5,3	21,2
Espanha	14,7	44,1	9,0	36,0
Suécia	12,1	36,2	6,4	25,6
Reino Unido	13,5	40,6	6,0	24,0
Média OCDE	13,07	39,2	7,7	30,8

Fonte: OCDE (2011:24 e 88; 2010b: 63 e 169).

4.3. Trajetos de contratendência à entrada do secundário

Uma análise dos dados do Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário

Tipologia de perfis de trajeto escolar segundo origem socioprofissional

Origem Socioprofissional	Reprovações	Média	Perfil de Trajeto	N	% (Total)	% (Classe respetiva)
Classes Médias e Altas (EDL+PTE+TI)	0	>=4	Distinção Escolar	7989	29,8	44,4
	0	<=3	Integração Parcial	4837	18,1	26,9
	>=1	<=3	Contratendência Descendente	4113	15,4	22,8
	>=1	>=4	Reorientação Escolar	1064	4,0	5,9
Classes Populares (EE+O)	>=1	<=3	Exclusão Escolar	2906	10,9	33,1
	0	<=3	Integração Parcial	2913	10,9	33,2
	0	>=4	Contratendência Ascendente	2370	8,9	27,1
	>=1	>=4	Reorientação Escolar	582	2,2	6,6
Total				26774	100,0	-

Fonte: OTES, DGEEC/MEC (cálculos próprios).

4.3. Trajetos de contratendência à entrada do secundário

Uma análise dos dados do Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário

Perfis de trajeto escolar das classes populares segundo características sociais e envolvimento escolar das famílias

		Trajetos de Exclusão Escolar	Trajetos de Inclusão Parcial	Trajetos de Contratendência Ascendente	Trajetos de Reorientação	Total	
Sexo	Masculino	36,0	31,5	24,2	8,3	100	
	Feminino	31,2	34,4	28,9	5,5	100	
Origem nacional	Portuguesa	33,1	33,5	26,9	6,5	100	
	Africanos*	51,5	32,3	8,1	8,1	100	
	Desc. Cabo-Verdianos	51,6	25,8	12,9	9,7	100	
Profissão dos pais	Pessoal Administrativo e Similares	(resp. 1)	25,5	28,5	41,0	5,0	100
		(resp. 2)	24,3	33,4	37,2	5,1	100
	Agric. e Trab. Qualif. da Agricultura e Pescas	(resp. 1)	42,2	30,0	18,4	9,4	100
		(resp. 2)	43,9	29,6	21,1	5,4	100
	Trab. não Qualif. dos Serviços e do Comércio	(resp. 1)	33,8	31,5	27,0	7,7	100
		(resp. 2)	36,8	31,4	24,6	7,1	100
	Trab. não Qualif. de Constr. Civil e Similares	(resp. 1)	39,0	30,4	24,1	6,6	100
		(resp. 2)	34,9	39,5	18,6	7,0	100
Escolaridade dominante na família	Igual ou inferior ao 1º CEB	42,9	30,9	18	8,2	100	
	Ensino superior	17,7	29,7	50,9	1,7	100	
Envolvimento escolar dos pais	Pais não apoiam nos trabalhos escolares	33,5	31,4	28,4	6,8	100	
	Pais não vão às reuniões escolares	47,3	27,1	14,7	10,9	100	
	Pais aspiram a frequência do ensino superior	27	33,8	33,1	6,1	100	

Fonte: OTES, DGEEC/MEC (cálculos próprios).

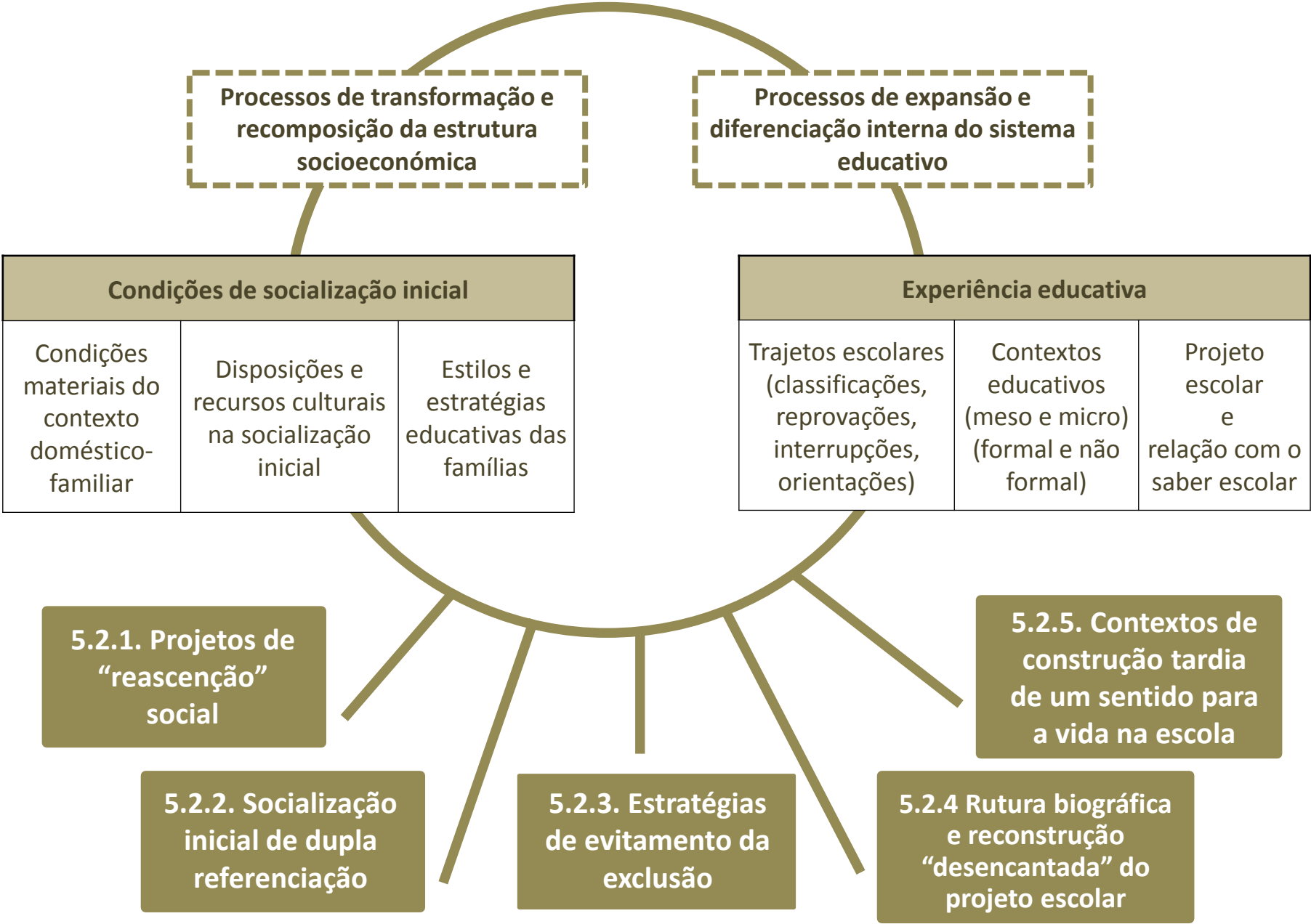


5. RESULTADOS QUALITATIVOS

5.1. Caracterização social e escolar dos entrevistados

	Nome	Sexo	Idade	Origem Étnico-nacional	Posição social dos pais (durante o percurso escolar)	Perfil Académico	Escolaridade / Área de Formação	Situação Profissional	Concelho de Residência
1	André	M	18	G	Oper. não qualificados Bairro de realojamento	Linear (Reprov. 2 anos)	Estud. Relações Internacionais	Estudante-trabalhador (monitor em escola)	Cascais
2	Nelson	M	24	CV	Operários não qualificados Bairro de realojamento	Inflexão (Reprov. 2 anos)	Estud. Turismo e Restauração	Estud-trabalhador (armazém)	Cascais
3	Geraldino	M	25	A	Operários não qualificados Bairro de realojamento	Inflexão (Reprov. 4 anos)	Ensino Secundário Animação sociocultural	Ator de teatro	Cascais
4	Diogo	M	29	P	Oper. Qualif. + Vendedora Bairro de realojamento	Linear (Reprov. E. Sup.)	Mestrado Sociologia	Téc. estatística ciências sociais	Loures
5	Mauro	M	34	P	Oper. Qualif. + Vendedora Bairro de realojamento	Linear (Reprov. E. Sup.)	Estud. Licenciatura Informática	Técnico informático	Loures
6	Sandra	F	32	P	Operário especializado	Linear (Reprov. 12º ano)	Mestrado Sociologia	Téc. estatística ciências sociais	Barreiro
7	Carolina	F	37	M	Operários especializados	Inflexão (Reprov. 2 anos)	Licenciatura Rel. Internac.	Técnica de intervenção social	Sintra
8	Rita	F	37	G / P	Técnico de nível intermédio	Linear (Reprov. 2 anos)	Licenciatura História	Desempregada	Lisboa
9	Daniel	M	29	M	Operária não qualificada Bairro de realojamento	Inflexão (Interrup. 10 anos)	E. Secundário Desporto / A. sociocultural	Animador sociocultural	Lisboa
10	Gisela	F	34	A	Operária não qualificada Bairro de autoconstrução	Inflexão (Várias interrupções)	Estudante de Licenciatura Serviço Social	Estudante	Sintra
11	Adelina	F	25	CV	Operária não qualificada Bairro de realojamento	Inflexão (Interrup. 6 anos)	Ensino Secundário Técnicas Laboratoriais	Técnica de análises lab.	Almada
12	Boubacar	M	22	G	Operária não qualificada Bairro de realojamento	Linear (Reprov. 1 ano)	Estudante de Licenciatura Relações Internacionais	Estudante a tempo inteiro	Moita
13	Flora	F	27	G	Operária não qualificada Instituição de acolhimento	Linear	Mestrado Serviço Social	Animadora sociocultural	Oeiras
14	Hélio	M	31	CV	Oper. esp.+ Oper. Não qualif. Bairro de realojamento	Linear (Reprov. 2 anos)	Licenciatura Engenharia Química	Animador sociocultural	Oeiras
15	Vânia	F	28	CV	Oper. esp. + Oper. não qualif. Bairro de realojamento	Inflexão (Reprov.1 ano)	Licenciatura Línguas e Tradução	Empregada administrativa	Lisboa
16	Rafael	M	22	G	Operários especializados	Linear	Estudante de Licenciatura Direito	Estudante-trabalhador (op. telemarketing)	Lisboa
17	Olavo	M	23	STP	Operária não qualificada Bairro de realojamento	Inflexão (Reprov. 5 anos)	Ensino Secundário Design Gráfico	Desempregado (procura de 1º empreg.)	Lisboa
18	Roberto	M	25	CV	Operário especializado Bairro de autoconstrução	Inflexão (Reprov. 1 ano + interrup.)	Ensino secundário Artes e Ofic.Espetáculo	Animador sociocultural	Amadora
19	Nádia	F	20	G	Oper. esp. + Oper. não qualif. Bairro de autoconstrução	Linear	Estudante de Licenciatura Turismo e Restauração	Estudante	Loures
20	Laura	F	30	CV / A	Oper. esp. + Oper. não qualif. Bairro de autoconstrução	Linear	Estudante de Doutoramento Linguística /sociologia	Investigadora	Lisboa

5.2. Eixos analíticos e tipologia qualitativa



5.2.1. Projetos de reascensão social

(Laura, Rafael, Carolina e Boubacar)

Condições de socialização inicial	Condições materiais doméstico-familiares	- Estabilidade profissional e doméstico-familiar. - Capital social escolarmente rentável na família alargada.
	Disposições e Recursos culturais	- Família nuclear e alargada mais escolarizada; existência de bibliotecas, hábitos de leitura; práticas de autodidatismo; etc. - Trajetória de mobilidade descendente e orientações para a recuperação do estatuto perdido.
	Estilos e estratégias educativas das famílias	- Acompanhamento do trabalho escolar em regime de autonomia. - Estratégias de distinção nas orientações escolares.
Experiência educativa	Trajeto escolares	- Percursos lineares e tendencialmente distintivos.
	Contextos educativos de inserção	- Em algum momento do trajeto frequentaram contextos escolares mais distintivos.
	Projeto escolar e relação com o saber escolar	- Projeto focado, precoce e familiarmente partilhado e suportado. - Relação instrumental, mas também expressiva com o saber escolar.

5.2.1. Projetos de reascensão social (cont.)

(Laura, Rafael, Carolina e Boubacar)

“Passava um bocadinho o conhecimento que ele tinha de forma informal vá, através de conversa. Não era muito de ir ver os cadernos ou ajudar a fazer os trabalhos, era da nossa responsabilidade, era essa a dinâmica.” (Laura)

“Fez-me lembrar aquilo que o meu pai queria para nós: “Os estudos é a coisa mais importante da nossa vida”, “Os livros são os vossos melhores amigos, não se esqueçam disso”, a questão de aprender as línguas (...) E isto, quer eu queira quer não, está cá dentro. Não foram só as minhas tias, é esta força interior que ele me foi passando, apesar de terem sido só 12 anos, foram muito fortes.” (Carolina)

“A minha mãe sempre quis sair, ela nunca gostou do bairro e ela dizia-nos assim: Olha, vocês estão aqui, mas isto é temporário. (...) No fundo eu acho que eles sentiam que tinham ali caído de para-quedas”. (Laura)

“Há muita competição em termos familiares. (...) Claro que estamos a fazer porque nós queremos também, mas é uma pressão. Imagina que os filhos de um irmão estão a fazer isto ou aquilo neste momento e depois [os filhos] do outro não? Parece que é uma vergonha para os outros. (...) E a minha família, em termos de estudos, todos da geração do meu pai têm licenciatura.” (Rafael)

“Eu desconfio, sinceramente desconfio. Porque naquela escola eu deveria ter calhado nas turmas menos boas, mas desconfio que por obra e graça (risos)... desconfio, porque exatamente como os professores já conheciam os meus irmãos, já tinham ali uma história familiar, me tenham posto em turmas que não eram complicadas, desconfio eu.” (Laura)

“Onde eu moro existem 2 escolas básicas, até ao 9º ano, e normalmente a escola de cima, onde eu andava, tinha fama de ser a melhor escola. Porque, normalmente, na escola de baixo haviam pessoas se calhar mais rebeldes. Lá aceitavam pessoas imagina... Na escola onde eu andava, quem tivesse mais do que a idade que deveria estar, a idade normal, se calhar muitas vezes não aceitavam. (...)Era uma escola boa, bom ambiente, não havia muitas...”. (Rafael)

5.2.2. Socialização inicial de dupla referenciação

(André, Hélio e Mauro)

Condições de socialização inicial	Condições materiais doméstico-familiares	- Estabilidade profissional e doméstico-familiar.
	Disposições e Recursos culturais	- Socialização inicial repartida entre a família e contexto afínico de classe média e mais escolarizado (relações de tutoria).
	Estilos e estratégias educativas das famílias	- Relativo controlo das sociabilidades e dos tempos de lazer. - Delegação do acompanhamento escolar.
Experiência educativa	Trajetos escolares	- Percursos lineares, mas com dificuldades de orientação nas fases avançadas.
	Contextos educativos de inserção	- Em algum momento do trajeto frequentaram contextos escolares mais seletivos e/ou contextos distintivos.
	Projeto escolar e relação com o saber escolar	- Projeto precoce, inicialmente focado, mas "difuso" nas etapas mais avançadas. - Projeto apoiado, mas pouco partilhado pela família. - Relação instrumental, mas também expressiva com o saber escolar.

5.2.2. Socialização inicial de dupla referenciação (cont.)

(André, Hélio e Mauro)

“O gosto pela leitura que eu hoje tenho é por causa dela... Também um pouco por curiosidade minha (...) Ela tinha uma data de livros em casa e, além desse facto, ela também me obrigava a estar muito tempo a fazer os trabalhos de casa, a olhar para as coisas, a ler, composições e ditados. A primária foi um pouco passada assim. (...) “Não saia muito de casa, passava maior parte do tempo a ler, não via muita televisão até por disciplina dela [madrinha], até que cheguei a um ponto que li praticamente todos os livros que ela tinha em casa.” (Mauro)

“Mas entrar para ciências não foi uma escolha, como é que eu vou dizer... foi pensada... os meus amigos iam todos para lá, estava toda a gente em ciências porque é que eu haveria de ser o único a ir para humanidades ou para outra coisa qualquer ou para artes ou não sei quê? (...) (...) Olha...era a ilusão, todas as crianças... quando tu vais perguntar a uma criança “O que é que queres ser quando fores grande?” “Eu quero ser médico, eu quero ser bioquímico, biólogo marinho e não sei quê.” (André)

“Na mesma escola às vezes havia turmas assim, mas eu, eu não sei porquê, eu estava sempre nas melhores turmas, acontecia.” (Hélio)

“Vou-me um pouco abaixo [no 10º ano] e isso é curioso, eu estava numa boa turma, todos os miúdos tinham explicador e eu não tinha dinheiro para ter um explicador (...) matemática, todos eles tinham explicador, metade da minha turma tinha explicador (...) Nos exames, eu era de 14 e isso era o médio da minha turma, todos eles tinham 16 e 17.” (Hélio)

“Eu perdi um pouco o objetivo na universidade, porque no secundário tinha aquela coisa dos testes, os exames, as notas de final de ano, as médias (...) Andei muito perdido de início, com o ambiente na faculdade. Não havia testes, não havia nada. Tinhas uma cadeira, um exame e pronto, custou-me um bocado a organizar-me, perdi-me um bocado por isso e até por outra razão, o ambiente lá, o tipo de pessoas que andava lá, era muito diferente de mim (...) maior parte dos meus colegas era classe média, média-alta (...) Muitos deles já tinham carro, já tinham carta.” (Mauro)

5.2.3. Estratégias de evitamento da exclusão

(Diogo, Sandra, Rita e Nádia)

Condições de socialização inicial	Condições materiais doméstico-familiares	- Franjas estabilizadas e mais qualificadas das classes populares.
	Disposições e Recursos culturais	- Contextos familiares pouco escolarizados e com fraca presença de práticas culturais escolarmente rentáveis.
	Estilos e estratégias educativas das famílias	- Forte controlo das sociabilidades e dos tempos de lazer. - Investimento na escolarização pela ótica da honra (ordem moral) e como via de melhoria das condições de vida. - Estratégias de evitamento da exclusão escolar.
Experiência educativa	Trajetos escolares	- Percursos lineares e "prudentes".
	Contextos educativos de inserção	- Em algum momento do trajeto frequentaram contextos escolares selectivos e/ou contextos distintivos.
	Projeto escolar e relação com o saber escolar	- Projeto escolar focado, precoce e "prudente". - Relação tendencialmente instrumental com o saber escolar.

5.2.3. Estratégias de evitamento da exclusão (cont.)

(Diogo, Sandra, Rita e Nádia)

“Eu nessa altura, já frequentava a escola onde o meu pai trabalhava e eu ia à biblioteca de lá ler os livros de aventuras, porque as contínuas deixavam-me entrar para lá (...) ia ver os livros do National Geographic, ver os mapas e não sei quê, eu achava muito fixe.” (Diogo)

“Eles não controlavam as minhas amizades, mas tinha horários muito restritos para sair, sempre tive. Eu nunca saí nem metade das vezes que as minhas colegas saíam.” (Sandra)

“O nível de violência do bairro começou a aumentar na altura (...) Na altura o meu pai não quis que ficássemos no bairro, porque não quis que os filhos seguissem o mesmo caminho que os outros, achou preferível tirar-nos do bairro, achou preferível termos uma casa que à partida estamos a pagar e será nossa e ele, então, preferiu assim. Ele não queria que fôssemos para um bairro social como o bairro X e Y, porque acabava por ser uma réplica só que em prédios”. (Nádia)

“Tenho consciência de que havia turmas bem piores. A minha turma era normalmente sempre a “A” (risos). (...) Era a melhor escola do concelho, considerada a escola dos betinhos (...) Aquilo já entrou com um pedido especial, de um vizinho que eu tinha, porque senão possivelmente não tinha conseguido entrar. Naquela altura eles dificultavam a entrada (...) Havia muita gente que morava ali ao pé que ia parar ao Seixal, tinha que apanhar transportes e não ficava ali naquela escola, era terrível. (...) Naquela escola 90% dos alunos entrava para o ensino superior”. (Sandra)

5.2.4. Rutura biográfica e reconstrução “desencantada” do projeto escolar

(Adelina, Gisela, Daniel e Flora)

Condições de socialização inicial	Condições materiais doméstico-familiares	- Inserção nas franjas mais instabilizadas e marginalizadas das classes populares. - Vulnerabilidade ao desemprego, emprego precário; jornadas longas e irregulares .
	Disposições e Recursos culturais	- Contextos familiares pouco escolarizados; fraca presença de práticas culturais escolarmente rentáveis.
	Estilos e estratégias educativas das famílias	- Dificuldades no acompanhamento do quotidiano dos descendentes e na estabilização da ordem doméstica. - Delegação do acompanhamento escolar a terceiros e ao próprio jovem.
Experiência educativa	Trajetos escolares	- Percurso de reorientação “desencantada”. - Elevada integração escolar nas primeiras etapas, mas eventos de rutura biográfica conduziram à interrupção do percurso/ performance escolar. - Reorientação para as vias profissionalizantes.
	Contextos educativos de inserção	- Frequência de contextos escolares excludentes, mas também outros mais integradores, especialmente nas primeiras etapas.
	Projeto escolar e relação com o saber escolar	- Projeto escolar precoce, inicialmente focado e, posteriormente, "rompido" e reconstruído segundo uma lógica "prudente".

5.2.4. Rutura biográfica e reconstrução “desencantada” do projeto escolar (cont.)

(Adelina, Gisela, Daniel e Flora)

“Eu vim [de Angola] com o 10º ano, (...) volto para o 9º e apanho as unidades capitalizáveis, que é o 7º, 8º e 9º, e isso é desmotivante. (...) A própria escola é que me disse isso. Lá na secretaria disseram-me isso porque perguntaram se eu estava numa escola portuguesa em Angola, e eu disse: Não, não estou numa escola portuguesa, nunca estudei numa escola portuguesa: “Isso é complicado, a menina vai ter que voltar...””. (Gisela)

“Fui para um curso [profissional] porque não deixavam fazer a escolaridade normal, porque disseram que, como são alunos da instituição X, não temos família e não sei quê, tínhamos que fazer um curso para termos uma profissão (...) Fui mesmo chateada, aí foi quando eu senti mesmo a injustiça, porque aí eu senti: “Fogo, eu não sou burra, faço as minhas coisas, elas só dizem que eu tenho que passar e eu passo de ano, então porquê que elas não me deixam fazer?” (...) “Eu aí já não sabia muito bem a linha, já me tinha perdido, então aí, pronto, decidi só andar na escola.” (Flora)

“Acabei por não continuar a estudar. Eu também sou daquelas pessoas realistas. Eu via as condições que nós morávamos e via também que havia um esforço enorme para nos sustentar.” (Daniel)

“Eu nunca fui de baixar os braços, desistir e dizer: “Agora a minha mãe morreu, eu não tenho pai, tenho os meus irmãos, mas também não tenho dinheiro e vou ficar aqui ou vou trabalhar numa pastelaria, vou trabalhar aí o resto da minha vida porque é o que há”. Não! As pessoas têm que ter mais vontade de viver e fazer outras coisas, ter mais conhecimento e não ligar tanto ao que está ao seu redor (...) Faço sempre uma coisa de cada vez, não tudo ao mesmo tempo. Faço isto, conquistei isto, não é... Agora acho que posso fazer outra coisa, fazer mais um bocadinho, então faço esse bocadinho, chego lá, mas acho que ainda posso fazer mais um bocadinho, então... (...) Vou fazendo as coisas devagar, sem pressa, sem querer tudo ao mesmo tempo, uma coisa de cada vez e as coisas vão surgindo, vão surgindo”. (Adelina)

5.2.5. Contextos de construção tardia de um sentido para a vida na escola

(Nelson, Vânia, Geraldino, Olavo e Roberto)

Condições de socialização inicial	Condições materiais doméstico-familiares	- Franjas mais instabilizadas e marginalizadas das classes populares. - Grande vulnerabilidade ao desemprego, emprego precário; jornadas longas e irregulares de trabalho.
	Disposições e Recursos culturais	- Contextos familiares pouco escolarizados; Fraca presença de práticas culturais escolarmente rentáveis.
	Estilos e estratégias educativas das famílias	-Dificuldades no acompanhamento do quotidiano dos descendentes e na estabilização da ordem doméstica. - Delegação do acompanhamento escolar a terceiros e ao próprio jovem.
Experiência educativa	Trajetos escolares	- Percursos de reorientação e inflexão. - Início marcado pelo insucesso, orientações excludentes e por sanções disciplinares. - Melhoria tardia dos resultados escolares e da relação com a escola. - Inserção nas vias profissionalizantes.
	Contextos educativos de inserção	- Inserção inicial em contextos escolares excludentes. - Mudança tardia para contextos escolares integradores/ inovadores. - Envolvimento em contextos informais de aprendizagem e de reconstrução do <i>self</i> .
	Projeto escolar e relação com o saber escolar	- Projeto escolar inicialmente pouco definido, mas com reconstrução tardia de um sentido para o investimento escolar. - Relação com o saber escolar tendencialmente instrumental.

5.2.5. Contextos de construção tardia de um sentido para a vida na escola (cont.)

(Nelson, Vânia, Geraldino, Olavo e Roberto)

“Ou seja, havia uma mesa de “pretos”, que eram os burrinhos e havia bué outras pessoas que eram os “normais” (...) e os meus colegas chamavam-me de burro: “Tu és burro porque estás naquela mesa”, estás a ver? (...) Foi bué forte, foi bué forte, porque levava também como os meus colegas ali.” (Roberto)

“No meu segundo 5º ano, a minha turma era considerada, entre aspas, a pior turma da escola, meteram para lá todos os que reprovaram, como eu, os que se portavam mal e não sei quê, sei lá... Por exemplo, a minha turma era só homens, no meu 5º ano, e apesar disso eu consegui passar”. (Nelson)

“Há amigos meus que ficam 6 meses no bairro sem sair, sem fazer nada. O que é que aprendes? O que é que aprendes de novo? Não aprendes nada! (...) Não estou a dizer que as pessoas lá são burras, mas têm que sair um bocadinho do contexto do bairro para viver lá fora e não é só sair para ir ao centro comercial... Temos que falar com outras pessoas, desenvolver a nossa mente com outras pessoas”. (Roberto)

“Ele falava com todos os jovens, metia-se com toda a gente, brincava com toda a gente. Toda a gente conhecia: “Olha aquele é o stôr X!” (...) E ele falou comigo de uma forma que eu gostei, tipo não me tratou como muitos stôres me tratavam... se calhar ficavam com medo ou algo assim (...) Fui [ao projeto de mediadores inter-pares], mal entrei vi um grupo de jovens sentados, maior parte eram africanos, estava lá a X, estavam lá amigas minhas (...) aos poucos, íamos nos intervalos, às vezes íamos para a sala dos miúdos assistir às aulas deles, tínhamos que faltar às nossas, o stôr falava com os nossos professores (...) íamos à sala deles, aí é que eu comecei a mudar, porque tipo, aquilo que eu fazia eu não gostava de ver os outros a fazer!” (Olavo)

“Tive um mister que a palavra dele era: companheirismo. (...) Civismo, também, tu para estares ali tens que ser uma pessoa correta, não podes chegar ali e ahares que é tudo teu, dares cacetadas e bateres em toda a gente, ali não, tens que ter regras a cumprir (...) Foi bom, estava ocupado, se calhar se não estivesse a jogar futebol estava a fazer outra porcaria qualquer e, no entanto, jogando futebol, estava lá e gostava daquilo, sabia que tinha regras, horas para estar lá, se chegava atrasado tinha que ir dar voltas ao campo... Tinha tudo ali certinho.” (Nelson)



6. PRINCIPAIS CONCLUSÕES

6. Principais conclusões

1

Encontrámos diferentes perfis de trajetos de contratendência:

- Trajetos de reascensão social;
- Socialização inicial de dupla-referenciação;
- Estratégias de evitamento da exclusão;
- Rutura biográfica e reconstrução “desencantada” do projeto escolar;
- Contextos de construção tardia de um sentido para a vida na escola.

2

Uma parte dos trajetos de contratendência decorre de estratégias e estilos educativos familiares “mobilizados”, mas essas estratégias assentam em determinadas condições materiais e culturais de partida, assim como a experiência educativa dos jovens tem um peso importante, desde logo:

- sucesso escolar nas primeiras etapas;
- não exposição a fenómenos segregativos;
- participação em contextos de aprendizagem informal e de construção de um sentido para a vida na escola.

3

A “desregulação laboral” e “instabilidade profissional” que afeta particularmente algumas franjas das classes desfavorecidas e alguns grupos étnico-raciais (como os africanos e seus descendentes) impossibilita a estabilização doméstico-familiar, degrau “0” do investimento escolar.

4

Os jovens das classes menos favorecidas, mesmo aqueles em trajetos de contratendência, encontram dificuldades importantes nas orientações escolares de diferentes pontos de vista:

- menor acesso a informação sobre a oferta educativa e maior indefinição do projeto escolar;
- maior probabilidade de orientações excludentes;
- menor possibilidade financeira de aceder à oferta desejada;
- maior probabilidade de descontinuidades do trajeto.

5

Mantendo a classe e o capital cultural das famílias “constantes”, os jovens de origem africana estão mais sujeitos à exclusão escolar, questão que deve ser lida tendo em conta:

- segregação territorial (bairros, escolas e turmas);
- discriminação racial;
- “desconexão” identitário-cultural face ao currículo escolar.

FIM.
Obrigada!

cristinaroldao1@gmail.com